



William Rhodes



Francisco Gros

Dívida: credores prometem cooperação.

Pelo menos, é o que diz o comitê dos bancos, em telex enviado ontem.

Num telex enviado ontem a todos os bancos credores do Brasil, e do qual o *Jornal da Tarde* e o *Estado de S. Paulo* receberam uma cópia, em Washington (veja a íntegra abaixo), o coordenador do comitê dos bancos credores, William Rhodes, revela qual foi o resultado de seus encontros com o presidente do Banco Central do Brasil, Francisco Gros:

“O comitê (de bancos credores) confirma seu desejo de manter uma relação positiva e cooperativa com o Brasil, e de continuar reunindo-se com representantes do governo brasileiro numa base progressiva”.

Esse convite à cooperação não pode ser interpretado como uma garantia de que todos os credores do Brasil manterão suas linhas de crédito comercial e interbancárias, num valor de 15 bilhões de dólares, após seu vencimento, dia 31 de março. Como explicava ontem, em Washington, uma fonte brasileira, “o comitê dos bancos representa mas não controla. Mas o que ele remenda geralmente é seguido. Do contrário, qual seria a razão de sua existência? E por que teria tanta importância? Para que, então, serviriam os telex trocados entre ele e o Brasil? Entre ele e todos os bancos credores?”

A mesma fonte, que pediu para não ser identificada, declarou que o resultado a que se chegou nos encontros de Miami, entre domingo e terça-feira, foi o de “manter por mais 60 dias as linhas de créditos comerciais e interbancários que mantêm o Brasil funcionando”. A expectativa nos meios oficiais brasileiros em Washington, e mesmo entre os membros da comitiva de Francisco Gros em Miami, é a de que, se houver rejeição do convite de cooperação enviado ontem pelo comitê de bancos credores, “ela será pequena, partindo de pe-

quenos bancos, pois os maiores devem aderir”.

As notícias pessimistas que circularam em Miami e acabaram dando o tom à cobertura da imprensa americana aos encontros entre Gros e Rhodes eram baseadas numa falta de aval do comitê dos bancos credores e seu telex à comunidade financeira apresentando o telex brasileiro. Mas o comitê conclui seu texto com um convite a todos para a cooperação. E repassou a mensagem a todos. Outra notícia que a íntegra do telex desmente é a de que o Brasil teria concordado com um preço imposto para a manutenção das linhas de crédito, que seria o de voltar a pagar os juros suspensos de sua dívida, mesmo que simbolicamente.

Entre os brasileiros que negociaram a manutenção das linhas de crédito, só foi possível detectar uma visível discordância: a de que o objetivo alcançado merecia uma comemoração. Para uns, prorrogar o problema por mais 60 dias não chega a ser uma vitória, pois o Brasil continua “mergulhado numa profunda crise”. E entre os chefes das duas delegações a discordância foi quanto à paternidade do prazo concordado:

— Foi o comitê que sugeriu 60 dias — declarou Gros, cercado pela imprensa, após sua última reunião, antes de embarcar para o Brasil.

— Foram os brasileiros que pediram o prazo de 60 dias — declarou Rhodes à imprensa, depois da entrevista de Gros, que, de alguma forma, foi o porta-voz oficial da reunião, com todos os banqueiros sabendo o que ele relataria aos jornais.

Os banqueiros norte-americanos não estão felizes por não receber os juros da dívida brasileira. E, quando dão entrevistas, sempre conhecem algum amigo de outro banco que vai cortar o crédito, ou que entra-

rá na Justiça. Não houve quem ainda dissesse “eu farei isto ou aquilo”, como lembra um observador atento das relações econômicas entre Estados Unidos e Brasil. Isso explicaria os vários balões de ensaio que são lançados diariamente, e as diferentes versões que são dadas a um mesmo acontecimento, como o da reunião em Miami. As ameaças, porém, revelam como estão “furiosos os banqueiros. A dois deles que se retiravam da sala em que Francisco Gros estava negociando, perguntamos:

— Como vocês estão?

Os dois fecharam ainda mais a cara e passaram direto, sem mesmo olhar para o lado. Para eles, o futuro é muito duvidoso, e em maio muitos terão que reclassificar seus empréstimos ao Brasil numa conta em que não rendem juros, o que lhes trará enormes prejuízos. E é por isso que vários bancos já anunciaram uma provável antecipação, como advertência a seus acionistas e um meio de pressionar o Brasil. Depois do Citicorp, a lista de candidatos está crescendo: ela agora incluiria o First Interstate, o Continental Illinois e o Chase Manhattan. Mas, como disse o *Wall Street Journal* de ontem, “quando um der o primeiro passo, todos o seguirão”.

Neste contexto, explica uma fonte brasileira, “é que o telex do comitê de bancos credores pode ter um efeito menos duradouro do que 60 dias”, como está sendo pedido. Muitos quererão, talvez, esperar o resultado da visita que o ministro Funaro fará aos Estados Unidos na primeira semana de abril, para ver se ele trará um programa econômico como prometeu o presidente do Banco Central, Francisco Gros.

Moisés Rabinovici, nosso correspondente em Washington.